

As regiões do Pantanal: Barão de Melgaço

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA

O Pantanal de Barão de Melgaço localiza-se na parte nordeste da planície pantaneira inteiramente no estado do Mato Grosso, com uma extensão de 18.167 km², pouco mais de 13% do Pantanal. Seus limites são, ao norte, uma linha de relevo que cruza a cidade de Barão de Melgaço, ao sul, o rio Piquiri, que separa essa região do pantanal do Paiaguás, a leste, as escarpas do Planalto Central e, a oeste, o rio Cuiabá, que divide essa região do pantanal de Poconé. Inclui quase todo o município de Barão de Melgaço, de onde vem o nome da região, além de partes dos municípios de Itiquira e Santo Antônio do Leverger. O nome “Melgaço”, originalmente usado para designar a região, tem origem no termo “melgas”, que no português de Portugal significa mosquitos, moscas, em alusão à grande quantidade desses insetos existentes nas margens dos rios nessa região, conforme registrado pelos primeiros portugueses que chegaram ao local. Já o nome Barão de Melgaço foi atribuído ao almirante Augusto João Manuel Leverger, título concedido como reconhecimento aos seus atos heroicos durante a Guerra do Paraguai, quando mandou construir trincheiras nas colinas de Melgaço, nas margens do rio Cuiabá, para conter o avanço das tropas paraguaias que pretendiam invadir a capital de Mato Grosso; além de militar, foi também presidente da província de Mato Grosso.

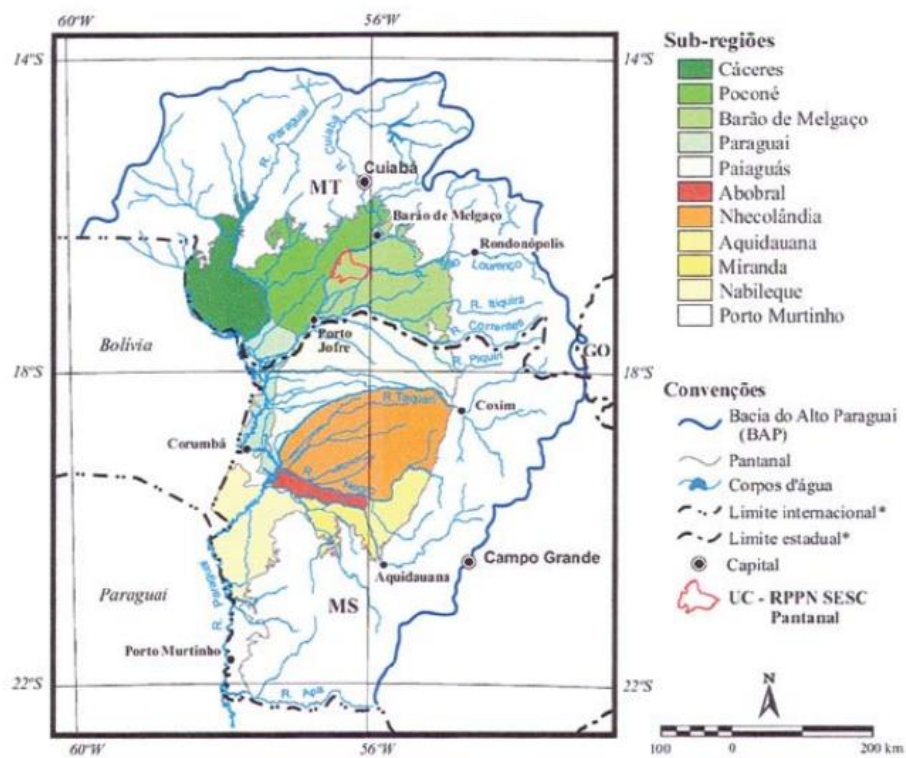
A área está sujeita aos alagamentos sazonais pelo extravasamento do rio Cuiabá, que após formar extensas áreas alagáveis, conectadas a grandes baías, meandros e canais, deságua no rio Paraguai. Além do rio Cuiabá, também são importantes nessa região, contribuindo para sua configuração e regime de inundação, os rios Correntes, Itiquira e São Lourenço. As principais feições geomorfológicas dessa região são as cordilheiras, as vazantes, os murundus, os terraços fluviais, as planícies de inundação, os diques marginais, as baías, os corixos, que condicionam os padrões de inundação, que podem ser temporárias ou permanentes. As cordilheiras são pequenas elevações de formato alongado, entre 1 e 5 metros sobre o nível de base do terreno, onde as inundações são esporádicas. São importantes locais de refúgios para a fauna durante as inundações. As vazantes são representadas pelos campos de inundação, caracterizados por serem áreas mais baixas, deprimidas e amplas, geralmente situadas entre as cordilheiras, que durante as cheias atual como canais para a drenagem das águas; podem ser temporárias ou permanentes, nesse caso, onde o lençol freático localiza-se próximo à superfície. Os murundus são pequenas elevações côncava de formato circular, com até 1,5 metro de altura em relação às vazantes, nos quais ocorrem formações de Cerrado, notadamente de Savana Arborizada. Os terraços fluviais são planícies fluviais antigas sujeitas a inundações periódicas ou que não são mais inundáveis, associadas aos rios de maior porte na região, como o São Lourenço; normalmente são cobertos por Floresta Estacional Semidecidual com subosque de Acuri, uma palmeira muito comum praticamente em todo o Pantanal. As planícies de inundação ou planícies fluviais são áreas planas que acompanham os cursos dos rios de maior porte, como o São Lourenço e o Cuiabá, formadas pela atividade fluviais e sujeitas a inundações permanentes ou periódicas, em geral cobertas por Floresta Estacional Semidecidual Aluvial, conhecida como mata ciliar ou mata ripária. Os diques marginais são elevações que acompanham os canais dos rios, cuja largura e altura dependem essencialmente da atividade fluvial. A formação dos diques ocorre quando a inundação passa as margens do canal fluvial, depositando os sedimentos ao longo do fluxo principal, causando o crescimento em altura desses depósitos; em geral é coberto por mata ripária de porte menor do que a que ocorre nos terraços e planícies fluviais, ou então por emaranhados de arbustos conhecidos localmente como espinheiros. As baías são corpos d’água permanentes ou temporários, que podem tanto resultar do acúmulo de água em locais com lençóis freáticos superficiais, como de meandros de rios abandonados; geralmente são ocupadas por formações pioneiras de plantas aquáticas herbáceas. Os corixos são cursos d’água de menor porte, que ligam as baías e vazantes aos cursos dos rios de maior porte, e podem ser perenes ou temporários.

Os solos e a vegetação têm associação direta com as diversas feições geomorfológicas da região, formando o mosaico de paisagens característico do Pantanal. Os principais tipos de solo são classificados em dois grandes grupos, que são os Planossolos, Plintossolos, Camissolos, Gleissolos, Luvisolos e Neossolos, cada qual com diferentes subgrupos, associados aos diferentes tipos de vegetação. De uma forma geral, são solos predominantemente arenosos, com grande quantidade de Sódio, baixa saturação em bases, pH ácido e hidromorfismo. São solos com baixa aptidão agrícola, facilmente lixiviáveis, necessitando da vegetação nativa e do regime de inundações para o aporte de nutrientes. Quando a vegetação nativa é removida, são facilmente degradados, pois têm baixa capacidade de retenção de minerais, o que é feito basicamente pelo componente orgânico desses solos.

Os principais tipos de vegetação são a Savana Arborizada, também conhecida como Cerrado senso estrito, na qual há uma mistura de espécies lenhosas de baixo intermediário com uma camada de gramíneas e outras herbáceas mais ou menos contínua, as Formações Pioneiras, caracterizadas por diferentes tipos de vegetação, desde arbustivas e/ou herbáceas até arbóreas, como é o caso dos Cambarazais e Tabocais, que ocorrem em áreas colonizadas mais recentemente pela vegetação, como beiras de rios e baías, a Savana arbustivo-arbórea,, que é uma fitofisionomia mais aberta, com predomínio de vegetação herbácea e elementos lenhosos mais esparsos, ocorrentes sobretudo nas vazantes, a Savana arbórea, o conhecido Cerradão, formação florestal mais fechada constituída basicamente por espécies de Cerrado, e as Florestas Estacionais Semidecíduais Aluviais, caracterizadas por florestas mais altas, formadas por uma mistura de espécies perenifólias e decíduas, que ocorrem ao longo dos rios. Essas classes de vegetação ocorrem muitas vezes próximas e misturadas, resultando em uma paisagem bastante heterogênea, que é fundamental para não só dar suporte à fauna, mas também para contribuir para a manutenção dos fluxos superficiais de água durante os ciclos de cheia e seca no Pantanal.

Na região de Barão de Melgaço localiza-se a maior Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Brasil, a RPPN SESC-Pantanal. Cabe lembrar que as RPPN são uma categoria de unidade de conservação prevista no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Lei Federal nº 9.985, de 18 de Julho de 2000), que tem caráter privado, criada por desejo do proprietário da área e reconhecida formalmente pelo poder público, e que tem objetivos de manejo muito semelhantes aos parques nacionais, que são a proteção da biodiversidade, a visitação com finalidades recreativas, a pesquisa e a educação ambiental. A Reserva localiza-se no município de Barão de Melgaço, e tem extensão total aproximada de 106 mil hectares; desde sua criação, em 1997 e 1998, tem sido exemplo de ações de gestão voltadas à conservação da biodiversidade, pesquisa científica e visitação com finalidades recreativas. A pesquisa científica, que vem sendo realizada desde antes de sua criação, envolve parcerias com diversas instituições, sobretudo universidades e fundações de pesquisa, e resultou em centenas de artigos científicos, dissertações e teses tratando de diversos aspectos ambientais da Reserva, como estrutura e microclimas dos diferentes tipos de vegetação, distribuição e classificação dos solos e da vegetação, inventários de plantas, animais e microrganismos, estudos das interações entre plantas e animais, percepção das comunidades da região e dos visitantes acerca do papel da área para a conservação, entre outros. Há ainda inventários bastante consistentes de diferentes grupos biológicos, com diferentes esforços de coleta e cobertura territorial, além de estudos voltados para espécies ameaçadas de extinção, migratórias e invasoras. O monitoramento ambiental tem sido fundamental para conhecer melhor a biodiversidade da área e os processos ecológicos responsáveis pela sua respectiva manutenção. Os resultados já obtidos nessas pesquisas e no monitoramento ambiental vêm sendo usados para subsidiar as ações de gestão da Reserva, que protege diversas espécies animais ameaçadas de extinção, como o cachorro-do-mato-vinagre, o cervo-do-pantanal, a onça-pintada e o tatu-canastra. No ano de 2003, a RPPN-SESC Pantanal recebeu o reconhecimento como o primeiro sítio Ramsar brasileiro localizado em uma área privada, o que atesta a importância da Reserva para a proteção da biodiversidade em áreas úmidas em nível regional, mas também global, pois recebe anualmente diversas espécies de aves migratórias.

O Parque Estadual Encontro das Águas, outra importante unidade de conservação do Pantanal, tem parte de sua área na região de Barão de Melgaço. Trata-se de um parque criado pelo governo do Mato Grosso em 2005, com extensão de quase 109 mil hectares, entre os municípios de Poconé e Barão de Melgaço. É uma área que recebe as águas de importantes rios da região, como o Cuiabá, o Piquiri, o Perigara, o Cassange, o Três Irmãos e o Alegre. É um importante refúgio para a fauna, com populações saudáveis da onça-pintada, o que tem atraído um número crescente de visitantes que têm interesse em contemplar essa espécie na natureza; o índice de sucesso nas visualizações da espécie chegam a quase 90%, o que mostra, juntamente com a RPPN SESC-Pantanal, que o turismo de natureza pode ser uma importante fonte de receita e emprego para a região, contribuindo para a conservação não só dessa região, mas do Pantanal como um todo.



Localização da região de Barão de Melgaço (em verde claro), na região nordeste da planície pantaneira, no estado do Mato Grosso, e da RPPN SESC-Pantanal (linha vermelha).
 Fonte: regiões do Pantanal conforme Silva & Abdon (1998) e localização da Reserva conforme Beirigo et al. (2010).

Fontes consultadas

- Beirigo, R. M. (2008). Sistema pedológico Planosolo-Plintossolo no Pantanal de Barão de Melgaço-MT. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11140/tde-11022009-090704/publico/Raphael_Beirigo.pdf
- Beirigo, R. M., Pablo Vidal Torrado, P. V., Stape, J. L., Andrade, G. R. P. (2010) Solos da Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC Pantanal. (Conhecendo o Pantanal; 7) Rio de Janeiro : SESC, Departamento Nacional. 76p.
- Bispo, R. C., Petrini, M. A., Lamparelli, R. A. C., & Rocha, J. V. (2013). Supervised Classification Applied to Vegetation Mapping in the Barão De Melgaço Municipality (Mato Grosso State, Brazil), Using Modis Imagery. Geografia, 38, 9-23. Disponível em <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/8312/6376/>
- Brandão, L. G., Antas, P. T. Z., Pádua, M. T. J., Valutky, W. W. (2011). Plano de Manejo da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC Pantanal. 2ª ed., (Conhecendo o Pantanal 3). Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional. 148 p. Disponível em <https://www.sescpantanal.com.br/arquivos/cadastro-itens/layout-6/arquivos/file-635877032837503930.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades, Barão de Melgaço. Acessado em Junho de 2023. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/barao-de-melgaco/historico>
- Prefeitura Municipal de Barão de Melgaço – História. Acessado em Junho de 2023. Disponível em <https://www.baroademelgaco.mt.gov.br/historia>
- SESC-Pantanal. (2002). Pesquisa na RPPN-SESC Pantanal, Divulgação. (Conhecendo o Pantanal 1). Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional. 88 p. Disponível em <https://www.sescpantanal.com.br/arquivos/cadastro-itens/layout-6/arquivos/file-635877032306786604.pdf>
- Silva, J. D. S. V., & Abdon, M. M. (1998). Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. Pesquisa agropecuária brasileira, 33(13), 1703-1711. Disponível em <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/download/5050/7203>